



UMA FOTOGRAFIA VARIACIONISTA DA MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [ej] NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL



A VARIATIONIS FRAME OF THE MONOPHTHONGIZATION OF THE DIPHTHONG [ej] IN THE DATA OF THE PROJECT LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL

Aluiza Alves de ARAÚJO
Maria Lidiane de Sousa PEREIRA
Brenda Kathellen Melo de ALMEIDA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 02/07/2017 • APROVADO EM 27/08/2017

Abstract

In this work, the Variationist Sociolinguistics' theory and methodology help us investigate the phenomena of monophthongization of the diphthong [ej] in the Portuguese spoken by the seven

Brazilian capitols, in the Midwest and Southeast regions according to the data collected by the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB). Our goal is to analyze the extralinguistic conditioners that work in favor of the monophthongated variant. The results indicate that the phenomenon in question occurs more often in the Midwest capitols, however, independently of the region, the erasing of the [j] occurs less than its realization of the diphthong [ej]. In the Midwest capitols, only education (*middle school*) was indicated as a relevant variable for the monophthongated variant, meanwhile, in the Southeast capitols, the variable sex (*men*) was the only ally of the rule studied.

Resumo

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966, 1994, 2006, 2008), investigamos, neste estudo, o fenômeno de monotongação do ditongo [ej] no português falado em sete capitais brasileiras, nas regiões Centro-Oeste e Sudeste a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O objetivo é analisar os condicionadores extralinguísticos que favorecem a variante monotongada. Os resultados indicam que o fenômeno em tela ocorre mais nas capitais do Centro-Oeste. Contudo, independentemente da região, o apagamento de [j] ocorre menos do que a sua realização no ditongo [ej]. Nas capitais da região Centro-Oeste, apenas a escolaridade (*ensino fundamental*) se mostra relevante para a variante monotongada, enquanto que, nas capitais do Sudeste, a variável sexo (*homens*) foi a única aliada da regra em estudo.

Entradas para indexação

Keywords: Monophthongization. ALiB. Capitols of the Brazilian Midwest and Southeast. Social factors.

Palavras-chave: Monotongação. ALiB. Capitais do Centro-Oeste e Sudeste Brasileiro. Fatores sociais.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Dentre os muitos fenômenos variáveis que compõem o português brasileiro (doravante PB), é fato conhecido que alguns ditongos como o [ej] podem apresentar a supressão/apagamento da semivogal (como em *bejo, pexe, bandera, cadera*), ou a sua manutenção (como em *beijo, peixe, bandeira, cadeira*). Conhecido como monotongação, esse fenômeno de variação linguística há décadas mobiliza o interesse de estudiosos vinculados a diversas vertentes teóricas e movidos por diferentes objetivos (AMARAL, 1920; NASCENTES, 1958; CÂMARA JR., 1978; VEADO, 1983; MOTA, 1986; RIBEIRO, 1990; BISOL, 1994; ARAÚJO, 2000; LOPES, 2002).

Registrada desde o latim vulgar (COUTINHO, 1976; ARAGÃO, 2000), a monotongação pode ser apontada hoje como um dos fenômenos mais produtivos, tanto na escrita (HENRIQUE; HORA, 2013; SANTOS; SANTANA; DIDA, 2013) como na fala dos brasileiros em diferentes regiões do país (FARIAS; OLIVEIRA, 2003; SILVA, 2004; PEREIRA, 2004; AMARAL, 2005; CARVALHO, 2007; BRESCANCINI, 2010; TOLEDO, 2011).

Diante disso, este trabalho, que tem como aporte teórico-metodológico os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966, 1994, 2006, 2008), objetiva analisar na linguagem falada por 56 informantes do projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB) quais fatores sociais/extralinguísticos interferem no fenômeno de monotongação do ditongo [ej] em sete capitais brasileiras (Cuiabá, Goiânia e Campo Grande, na região Centro-Oeste; São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte, na região Sudeste). A escolha pela perspectiva variacionista pode ser justificada pelo fato de essa área de estudos privilegiar a observação da linguagem em uso, permitindo a sistematização dos fenômenos de variação e mudança linguística.

De igual modo, sabemos que os estudos variacionistas têm sido de suma importância para observar as influências de fatores sociais/extralinguísticos sobre os mais diferentes fenômenos de variação e mudança linguística. Isso certamente contribui para que possamos compreender, nos moldes da teoria adotada, como língua e sociedade estão relacionadas.

Ressaltamos que, embora o fenômeno de monotongação do ditongo [ej] seja, conforme já nos referimos, bastante observado no PB, até o término desta pesquisa, não tomamos conhecimento de nenhum outro estudo sobre esse fenômeno nas capitais selecionadas com base em dados extraídos do Projeto ALiB. Assim, acreditamos que este trabalho é de suma importância para a descrição dos fatores sociais/extralinguísticos que atuam sobre a variação na monotongação do ditongo [ej], a partir de uma, até então, inédita amostra de fala.

Seguindo princípios de organização, dividimos este artigo em três seções, às quais se somam esta introdução e as considerações finais. Assim, a primeira seção é dedicada à discussão dos principais resultados alcançados em dois estudos variacionistas acerca da atuação de fatores sociais/extralinguísticos sobre a monotongação do ditongo [ej], em dados do ALiB. Na segunda seção, delineamos os procedimentos metodológicos para a realização deste estudo. Já na terceira seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos nesta pesquisa.

1 A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [ej] NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Os trabalhos acerca da monotongação do ditongo [ej] apresentados nesta seção foram selecionados com base em quatro critérios: (i) os dados da pesquisa deveriam ser provenientes da língua falada; (ii) o estudo deveria atender aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista; (iii) o trabalho deveria ter sido realizado na última década e (iv) a investigação deveria

apresentar não apenas as porcentagens para as frequências dos contextos controlados, mas também os chamados pesos relativos¹.

Além disso, demos preferência aos trabalhos que observaram o fenômeno de monotongação no ditongo [ej] em diferentes regiões brasileiras com base em dados retirados do Projeto ALiB. Acreditamos que essa opção pode facilitar, na medida do possível, as comparações estabelecidas entre os resultados obtidos, tanto para os estudos comentados nesta seção como entre eles e os achados deste trabalho.

Tomando o cuidado de não transformar esta seção em uma exaustiva revisão da literatura, optamos por comentar apenas os principais resultados obtidos para as variáveis sociais/extralinguísticas controladas em cada estudo comentado. Afinal, o foco deste trabalho reside, justamente, na análise da atuação de fatores sociais/extralinguísticos sobre a monotongação de [ej] nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste brasileiro. Atendendo a todos os critérios estabelecidos, localizamos, portanto, os trabalhos de Farias (2008) e Araújo (2013), comentados adiante e em ordem cronológica.

O estudo de Farias (2008), realizado no estado do Pará, contemplou 8 diferentes localidades: Belém, Soure, Bragança, Marabá, Altamira, Jacareacanga, Óbidos e Almeirim. Ao todo, foram selecionados 40 informantes: 8 para a capital Belém e 4 para cada uma das demais localidades. Os informantes foram estratificados de acordo com o sexo² (homens e mulheres), a faixa etária (I- 18 a 30 anos e II- 50 a 65 anos), a escolaridade (Ensino Fundamental e Superior Completo) e a localidade. Tais variáveis sociais/extralinguísticas controladas na pesquisa atendem a estratificação social dos informantes. Salientamos que as ocorrências do fenômeno de monotongação do ditongo [ej] considerados por Farias (2008) foram extraídas de respostas dadas pelos informantes a perguntas do Questionário Fonético Fonológico (doravante QFF) do ALiB.

Ao todo, foram computados 869 dados, dentre os quais 58% favoreceram a monotongação e 42% a manutenção da semivogal. Para o estudo de Farias (2008), o Varbrul selecionou, como estatisticamente relevante as variáveis: localidade, escolaridade, sexo e faixa etária, por ordem decrescente de importância.

Para a variável localidade, as cidades de Bragança (76% e 0.70)³ e Soure (63% e 0.54) se mostraram favorecedoras da forma monotongada. Esses resultados indicam, dentre outras coisas, que, embora tanto Soure como Bragança, situadas no Estado do Pará, sejam aliadas da monotongação, a regra é mais acentuada na cidade de Bragança. A escolaridade também foi apontada como relevante. Com isso, Faria (2008) verificou que, no estado do Pará, os falantes com Ensino Fundamental favorecem a forma monotongada (62% e 0.54), ao contrário dos falantes com Ensino Superior completo (46% e 0.38). Outra variável selecionada na pesquisa foi o sexo, cujo comportamento revela que os homens tendem a beneficiar mais a variante monotongada (59% e 0.52), diferentemente das mulheres (56% e 0.48).

Do mesmo modo, a faixa etária também foi apontada como relevante pelo programa, indicando os falantes com 18 a 30 anos como aliados da supressão de [j] (59% e 0.51), em oposição aos falantes com 40 a 65 anos (57% e 0.49). A partir desses dados, é interessante observar que, tanto os pesos relativos obtidos para os falantes do sexo masculino (0.52) como para aqueles com 18 a 30 anos (0.51) se

mantiveram muito próximos ao ponto neutro. Desse modo, podemos dizer que, para o estado do Pará, a escolaridade (falantes com Ensino Fundamental) e a localidade (Bragança e Soure) são as mais influentes variáveis sociais da forma monotongada do ditongo [ej].

Araújo (2013) estudou o fenômeno de monotongação a partir de dados retirados de 9 capitais em duas regiões brasileiras: Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco) e Sul (Florianópolis, Santa Catarina e Porto Alegre). Para seu estudo, foram selecionados 72 informantes, divididos igualmente, isto é, 8 para cada uma das localidades, estratificados socialmente segundo a escolaridade, sexo e faixa etária.

Foram consideradas 825 ocorrências, também extraídas no QFF, para as capitais do Norte e Sul. Desse total, 45,7% correspondia ao uso da variante monotongada, enquanto que 54,3% apresentava o ditongo [ej]. Assim, em Araújo (2013), a monotongação ocorreu de modo mais discreto do que a manutenção do ditongo, ao contrário da pesquisa de Farias (2008) para a qual a frequência de uso da forma monotongada foi de 58%.

Dentre as variáveis sociais controladas por Araújo (2013), foram apontadas pelo GoldVarb X, como estatisticamente significativas e, nessa mesma ordem, os seguintes grupos de fatores: escolaridade, localidade e sexo. Em comparação com o trabalho de Farias (2008), percebemos que apenas a variável faixa etária não foi selecionada.

Assim, em Araújo (2013), a variável escolaridade indicou que os falantes com Ensino Fundamental privilegiam o uso da monotongação (49, 4% e 0.67), ao contrário dos informantes com nível superior completo. O controle da variável localidade permitiu à autora constatar que as capitais favorecedoras da forma monotongada são: Manaus (região Norte), com 44, 3% de frequência de uso e 0.61 de peso relativo, e Porto Alegre (Região Sul), com 62,0% de frequência de uso e peso relativo de 0.75. O sexo também se revelou uma variável relevante na pesquisa. Nela, os homens beneficiaram a regra (44, 9% e 0.55), enquanto que as mulheres (41,5% e 0.44) não a privilegiaram.

Estabelecendo uma breve comparação entre os resultados obtidos em Farias (2008) e Araújo (2013), quanto às variáveis escolaridade e sexo, constatamos que, em ambos os trabalhos, elas se comportaram de modo similar, embora com frequências e pesos relativos distantes. Nesse sentido, os falantes com Ensino Fundamental e do sexo masculino, tanto em Farias (2008) como em Araújo (2013), mostraram-se aliados da variante monotongada do ditongo [ej].

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este estudo, selecionamos 56 informantes provenientes de sete capitais brasileiras contempladas pelo Projeto ALiB⁴ e pertencentes a duas regiões diferentes: Centro-Oeste (Cuiabá, Goiânia, Campo Grande) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte). Para cada uma das referidas capitais,

selecionamos 8 informantes, devidamente estratificados de acordo com o sexo⁵ (masculino e feminino), faixa etária (I – 18 a 30 anos e II- 45 a 60 anos) e escolaridade (até a 8ª série do Ensino Fundamental e Ensino Superior completo).

Os falantes selecionados, conforme já indicamos, fazem parte do Projeto ALiB e, portanto, atendem também aos seguintes critérios: (i) são falantes nascidos e residentes em suas localidades; (ii) possuem pais nascidos na mesma cidade e (iii) nunca se ausentaram de suas respectivas localidades por mais de 1/3 de suas vidas. No caso de os falantes já terem se ausentado de seus locais de origem, tomou-se o cuidado para que esse período não correspondesse aos “primeiros anos de vida, coincidentes com a fase de aquisição da língua, nem nos anos imediatamente anteriores à data da entrevista” (MOTA; CARDOSO, 2009, p. 248). Tais critérios foram adotados com o intuito de neutralizar, ou reduzir possíveis influências de falares de outras localidades sobre o comportamento linguístico dos informantes do Projeto ALiB que, aliás:

[...] constitui-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, *in loco*, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250) (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 855).

Hoje, esse projeto pode ser apontado como uma das mais importantes fontes para a observação de fenômenos de variação linguística que se estendem nos níveis fonológico, morfossintático, lexical e pragmático no PB. Por isso, decidimos analisar o fenômeno em tela em amostra do ALiB.

Após a devida seleção dos informantes do ALiB para comporem a amostra deste estudo, delimitamos o conjunto de itens lexicais analisados. Tais itens aparecem como respostas a 14 perguntas do QFF, foram eles: a) questão 03 – prateleira; b) questão 08 – travesseiro; c) questão 12 – torneira; d) questão 24 – peneira; e) questão 35 – manteiga; f) questão 47 – teia; g) questão 50 – peixe; h) questão 83 – prefeito; i) questão 91 – bandeira; j) questão 94 – correio; k) questão 100 – companheiro; l) questão 117 – peito; m) questão 141 - meia e n) questão 146 - beijar.

É importante frisar que, em alguns casos, a sobreposição de vozes, ruídos ou som baixo, comprometeu a compreensão da resposta, assim, o informante foi convidado, pelo inquiridor, a pronunciar o item lexical referente a algumas respostas mais de uma vez. Nesses casos, consideramos sempre as primeiras respostas dadas pelo informante.

Destacamos que o QFF é o primeiro questionário que compõe o ALiB, fato esse que certamente envolve o entrevistado em um clima tenso, e que pode ser agravado com o pedido do inquiridor, muitas vezes insistente, para que ele repita algumas respostas. Diante desse quadro, consideramos, nesta pesquisa, conforme indicamos, as primeiras respostas, visto que podem ser essas as mais naturais (ARAÚJO, 2013).

Após esses procedimentos, selecionamos quatro fatores sociais: sexo, faixa etária, escolaridade e localidade. Devemos mencionar que a escolha de tais fatores se deu em conformidade com a estratificação social dos falantes selecionados para comporem a amostra usada neste trabalho.

Para as análises estatísticas, adotamos o GoldVarb X⁶ (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que é um programa computacional muito usado entre os variacionistas. Atualmente, o GoldVarb X figura como uma adaptação do Varbrul (Cf. PINTZUK, 1988) para o ambiente *Windows* (SCHERRE, 2012). De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105), “o Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. As análises são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.34).

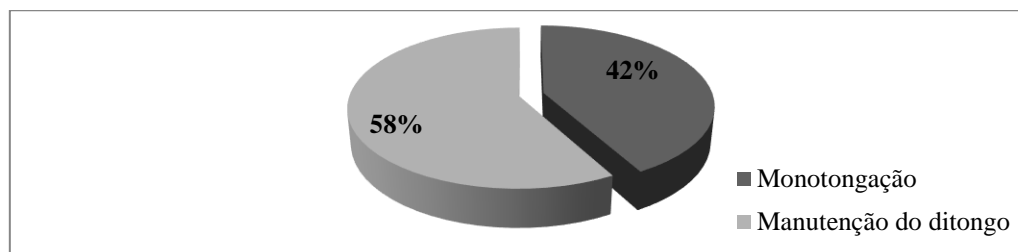
Ressaltamos ainda que, nesta pesquisa, a variável analisada é binária, isto é, possui duas variantes linguísticas: monotongação (*pexe*) e manutenção do ditongo [ej] (*peixe*). Com os resultados fornecidos pelo GoldVarb X, foi possível observar a frequência de uso de cada uma das variantes na amostra, bem como verificar quais fatores sociais/extralinguísticos atuam sobre o favorecimento da variante monotongada.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a primeira rodada dos dados, agrupamos as 7 capitais selecionadas de acordo com suas respectivas regiões a fim de observar como o fenômeno da monotongação se comporta tanto nas capitais da região Sudeste como nas capitais da região Centro-Oeste, bem como quais fatores sociais/extralinguísticos poderiam se mostrar pertinentes para a rodada.

Para essa rodada, obtivemos um total de 719 dados, sendo que 302 (42,0%) dessas ocorrências pertenciam à forma monotongada, enquanto que 417 (58,0%) mantinham a realização da semivogal [j] no ditongo [ej]. Para melhor visualização desses resultados, vejamos o gráfico 1:

Gráfico 1- Frequência de uso das variantes nas capitais do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil nos dados do ALiB



Fonte: elaborado pelas autoras.

Com base nos dados do gráfico 1, vemos que, nessa amostra, a variante mais recorrente foi aquela em que o ditongo é preservado. Além disso, notamos que a diferença entre as frequências de uso das variantes é perceptível, correspondendo a 16 pontos percentuais.

Acreditamos que o favorecimento da variante com a preservação da semivogal pode estar relacionado ao fato de que o favorecimento da variante com a preservação da semivogal pode estar relacionada ao fato de que, conforme pontuamos anteriormente, o QFF é o primeiro questionário do ALiB aplicado ao informante e, por esse motivo, o falante poderia estar ainda se sentindo tenso com a presença do inquiridor. Além disso, sabemos que, em alguns casos, o informante foi convidado a fornecer a mesma resposta mais de uma vez. Ao comparar os resultados deste estudo com os de Farias (2008) e Araújo (2013), que também coletaram seus dados do QFF do ALiB, constatamos que os índices de uso para a forma monotongada também não foram muito elevados.

Além disso, para essa primeira rodada, foram selecionados, nessa mesma ordem de relevância, as variáveis sociais/extralinguísticas: escolaridade, sexo e localidade. Com isso, notamos que apenas a variável faixa etária foi descartada pelo programa. O melhor nível de análise apresentou *input*⁷ 0.417. Para o *nível de significância*,⁸ obtivemos 0.030.

A) Escolaridade

Conforme sinalizamos, a escolaridade foi a primeira variável selecionada para a primeira rodada deste estudo. Na tabela 1, distribuimos os resultados obtidos para cada um dos fatores que compõem a variável escolaridade. Por meio disso, podemos observar como os diferentes níveis de escolarização atuam sobre a monotongação nas capitais das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 1 - Atuação da escolaridade sobre a monotongação de [ej] nas capitais Sudeste e Centro-Oeste do Brasil nos dados do ALiB

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso Relativo
8º ano do Fundamental II	168/345	48,7	0.571
Superior Completo	134/240	35,8	0.434

Fonte: elaborado pelas autoras.

A exemplo dos estudos de Farias (2008) e Araújo (2013), a variável escolaridade se mostrou aliada da supressão de [j] no ditongo [ej]. Com base nos dados da tabela 1, podemos dizer, de modo mais preciso, que os falantes que

cursaram até o 8º ano do Ensino Fundamental favorecem (48,7% e 0.571) significativamente o uso da variante monotongada nas capitais das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Em sentido oposto, os falantes com Ensino Superior completo (35,8% e 0.434) não a beneficiam.

Frisamos que, ao testar a variável escolaridade, esperávamos que, de fato, os falantes com menos escolarização favorecessem mais a forma monotongada do que aqueles com mais anos de escolaridade. De acordo com o que colocamos até aqui, nossas expectativas foram confirmadas.

Ressaltamos que esses resultados eram esperados porque compartilhamos, juntamente com Farias (2008), Bittencourt (2012), Santos, Santana e Dida (2013), Araújo (2013), Henrique e Hora (2013), a ideia de que a linguagem escrita pode influenciar a preservação da variante com o ditongo [ej]. Isso porque, “no sistema ortográfico do português há muitos ditongos, ou melhor, vocábulos grafados com ditongos, mas que, na realidade, na fala de muitos falantes do português do Brasil (PB), eles não são inteiramente pronunciados” (BITTENCOURT, 2012, p.01).

Nesse sentido, a tendência é a de que quanto menos tempo o falante passar no ensino formal de língua materna, menos contato ele terá com a prática de escrita. Consequentemente, acreditamos que esses sujeitos tendem a favorecer o uso da monotongação, ao contrário dos falantes que possuem mais escolaridade, tendo em vista que estes podem ter estabelecido maiores contatos com a prática da linguagem escrita.

Seguindo essa linha de raciocínio, Henrique e Hora (2013) observaram que o maior contato com a linguagem escrita tende mesmo a não favorecer o fenômeno de apagamento da semivogal, tanto no ditongo [ej] como [ow], a partir de dados coletados na produção escrita de 81 alunos do 3º ao 5º anos do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas na cidade de João Pessoa (PB). Os autores verificaram que, para o ditongo [ej], foco de nosso estudo, na escrita dos alunos do 3º ano, a monotongação é mais recorrente (34,3% e 0.684) do que na escrita de alunos do 4º (17,1% e 0.432) e 5º (16,5% e 0,432) anos.

Os resultados obtidos por Henrique e Hora (2013), bem como por outros pesquisadores que se interessam por esse fenômeno na linguagem escrita (SANTOS; SANTANA; DIDA, 2013), apontam uma tendência para a redução da monotongação em ditongos, conforme aumentam os anos de escolarização dos falantes.

Além disso, corroboramos, juntamente com Votre (2012), a ideia de que:

[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades (VOTRE, 2012, p. 51).

Assim, é comum supor que, à medida que se inserem e avançam no ensino formal de língua, os falantes tendem não somente a adquirir as formas

padronizadas, no caso examinado, a variante com o ditongo, mas também a preservá-las em seu comportamento linguístico. Esse pressuposto pode, portanto, ser confirmado com base nos dados obtidos para a atuação da variável escolaridade sobre a regra analisada neste estudo.

B) Sexo

Nuances no comportamento linguístico de homens e mulheres podem ser percebidas em praticamente todos os níveis do sistema linguístico: morfológico, sintático, fonético fonológico, dentre outros (PAIVA, 2012). Assim, a variável sexo tem figurado como um ponto da estratificação social dos falantes mais significativo “[...] para quase todos os casos de variação estável ou mudança em curso que se tem estudado” (LABOV, 2006, p.401, tradução nossa)⁹.

Para este trabalho, a variável sexo foi a segunda apontada como estatisticamente relevante. Os resultados para ela estão devidamente distribuídos na tabela 2:

Tabela 2 - Atuação do sexo sobre a monotongação de [ej] nas capitais do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil nos dados do ALiB

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso Relativo
Homens	167/ 354	47.2	0.555
Mulheres	135/ 365	37.0	0.447

Fonte: elaborado pelas autoras.

Com esses resultados, vemos que os homens favorecem o uso da variante monotongada (47,2% e 0.555), ao contrário das mulheres (37,0% e 0.447). Esses resultados confirmam nossas expectativas iniciais para o controle da variável sexo. Em outras palavras, de início, esperávamos que os homens favorecessem mais o uso da monotongação, ao contrário das mulheres. Tais hipóteses se justificam porque é fato conhecido, no âmbito dos estudos sociolinguísticos (LABOV, 1966, 2008 [1972]; TRUDGILL, 1974), que as mulheres, diante de fenômenos variáveis, tendem a se manter mais reservadas quanto ao uso de formas não padronizadas. No caso do fenômeno investigado neste estudo, a forma monotongada figura como a variante não padronizada, levando-nos a supor, portanto, que ela ocorreria menos na fala das mulheres do que na dos homens.

Na busca por explicações para o fato de que frequentemente as mulheres não se mostram propícias ao favorecimento de formas não padronizadas, um dos pressupostos mais defendidos gira em torno do fato de que, na grande maioria das comunidades de fala, homens e mulheres desempenham papéis sociais diferentes. A esse respeito, Santos (2011, p.48) nos diz que:

As mulheres sinalizam seu *status* social através da sua utilização da norma, abertamente variantes de prestígio. A entrada feminina no mercado de trabalho é um fato relativamente recente. A necessidade de reconhecimento profissional e social é ainda uma prioridade feminina. Os homens, por outro lado, já conquistaram os espaços públicos, o respeito e reconhecimento sociais necessários, o que sinaliza uma diferença de prioridade entre os grupos. Enquanto mulheres ainda têm de buscar respeito social, os homens podem contar com a memória coletiva e gozar do reconhecimento de que gozam os falantes desse gênero.

C) Localidade

Após discutirmos os resultados para as variáveis escolaridade e sexo, passamos a observar os resultados obtidos para a localidade, última variável apontada como estatisticamente relevante pelo GoldVarb X, para esta rodada:

Tabela 3 - Atuação das capitais do Centro-Oeste e Sudeste do Brasil sobre a monotongação de [ej] nos dados do ALiB

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso Relativo
Capitais do Centro-Oeste	141/ 302	46.7	0.549
Capitais do Sudeste	161/417	38.6	0.464

Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao analisarmos os resultados distribuídos na tabela 3, vemos que as capitais da região Centro-Oeste favorecem a monotongação (46,7% e 0.549), embora seu peso relativo tenha se mantido próximo ao ponto neutro de 0.50. Porém, o mesmo não é possível afirmar em relação aos resultados obtidos para as capitais do Sudeste (38,6% e 0.464).

Tendo em vista que tanto as regiões Centro-Oeste como Sudeste foram selecionadas pelo programa, resolvemos observar, de forma precisa, quais seriam as capitais das regiões em foco que poderiam estar atuando sobre a variante monotongada. Para tanto, realizamos uma segunda rodada, considerando as capitais Cuiabá, Goiânia e Campo Grande, para o Centro-Oeste, e São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte, para o Sudeste, separadamente. Naturalmente, incluímos, nessa nova análise estatística, as variáveis sexo, escolaridade e faixa etária, já testadas na primeira rodada.

Para a segunda rodada, esperávamos poder identificar quais ou qual capital brasileira para o Sudeste e Centro-Oeste estaria(m) favorecendo a forma monotongada. Contudo, nenhuma das capitais controladas foi apontada como

estatisticamente relevante, refutando, assim, nossa hipótese inicial de que alguma delas favoreceria a monotongação de [ej].

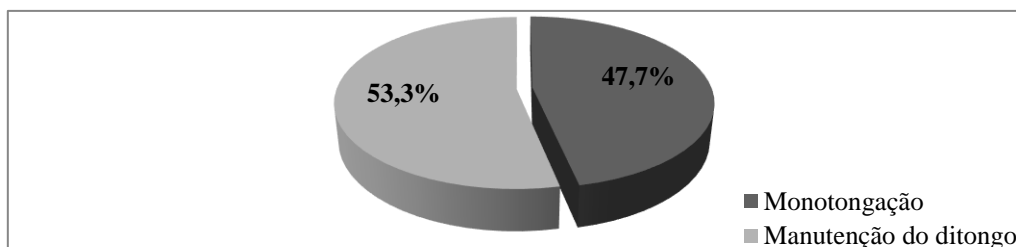
Além disso, apenas a variável escolaridade se mostrou relevante para a segunda rodada, sendo as variáveis sexo (ao contrário do que vimos na primeira rodada) e faixa etária (em conformidade com a rodada inicial) descartadas pelo GoldVarb X. Posto isso, frisamos que, ao observar os resultados obtidos para a escolaridade no cenário da segunda rodada, vimos que os resultados foram os mesmos obtidos para essa variável na primeira rodada e já discutidos anteriormente. Desse modo, julgamos desnecessário apresentar e discuti-los aqui.

Diante disso, resolvemos realizar mais duas rodadas, uma para as três capitais do Centro-Oeste e outra para as quatro capitais do Sudeste. Assim, nosso objetivo foi observar quais fatores (sexo, escolaridade e faixa etária) estariam atuando sobre a monotongação nas capitais das duas regiões examinadas.

3.1. RODADA SOMENTE PARA AS CAPITALS DO CENTRO-OESTE

Na rodada efetuada apenas para as capitais do Centro-Oeste, trabalhamos com 302 ocorrências, dentre as quais 141 (46,7%) apresentam a variante monotongada e 161 (53,3%) o ditongo [ej]. Para melhor visualização desses resultados, observemos o gráfico 2:

Gráfico 2 - Frequência de uso das variantes nas capitais do Centro-Oeste brasileiro nos dados do ALiB



Fonte: elaborado pelas autoras.

Com esses resultados, vemos que, nas capitais da região Centro-Oeste, a variante com ditongo é mais recorrente, ainda que a diferença entre ela e a variante monotongada seja discreta, isto é, apenas de 5,6 pontos percentuais. Já em comparação com a frequência de uso da monotongação na rodada inicial (42%), vemos que, nas capitais do Centro-Oeste, o uso da forma monotongada foi, ainda que discretamente, mais frequente do que na primeira rodada.

O melhor nível de análise do GoldVarb X apresentou *input* de 0.465 e *nível de significância* igual a 0.000. Comparando o valor do *input* da atual rodada com o da primeira (0.417), constatamos que, embora timidamente, há, pela primeira e única vez, na amostra analisada, um aumento na aplicação da regra de monotongação.

Nesta rodada, apenas a variável escolaridade foi selecionada, sendo, portanto, os fatores sexo e faixa etária descartados pelo programa.

A) Escolaridade

Tabela 4 - Atuação da escolaridade sobre a monotongação nas capitais do Centro-Oeste do Brasil

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso Relativo
8º ano do Fundamental II	83/143	58.0	0.613
Superior Completo	58/159	36.5	0.398

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados dispostos na tabela 4 indicam que, nas capitais da região Centro-Oeste, os falantes que cursaram até o 8º ano do Ensino Fundamental favorecem, de modo inequívoco (58% e 0.613), a forma monotongada, o que os torna os grandes aliados da regra investigada no âmbito das capitais do Centro-Oeste do Brasil.

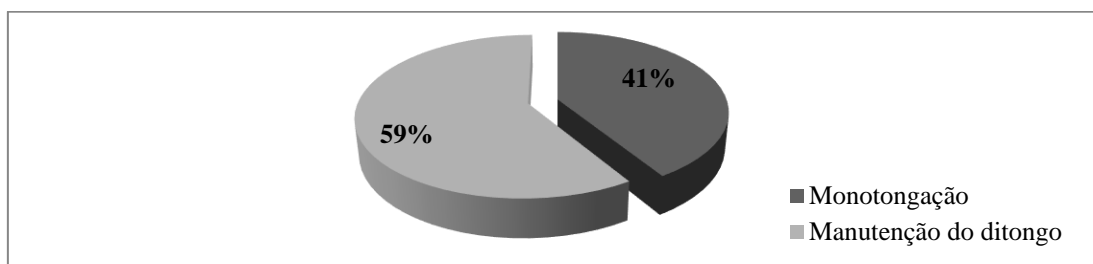
Ao compararmos os dados obtidos para os falantes com até o 8º ano do Ensino Fundamental para as capitais da região Centro-Oeste, nesta rodada, com os resultados alcançados para o mesmo fator na rodada inicial (48,7% e 0.571), constatamos um evidente aumento tanto na frequência como no peso relativo para o uso da forma monotongada.

Em sentido oposto ao comportamento dos falantes com o 8º ano do Ensino Fundamental, os informantes com Ensino Superior completo se mostraram, para as capitais da região Centro-Oeste, inibidores da variante monotongada, a exemplo do que aconteceu na primeira rodada. Desse modo, os falantes com Ensino Superior completo atingiram percentual igual a 36,5% e peso relativo de 0.393 para a monotongação do [ej].

3.2. RODADA SOMENTE PARA AS CAPITAIS DO SUDESTE

Para a rodada apenas com as capitais do Sudeste, obtivemos um total de 520 ocorrências. Desse total, 213 (41%) apresentava a variante monotongada, enquanto que em 307 (59%) exibiam a forma com o ditongo [ej]. Para uma melhor visualização desses dados, vejamos o gráfico 3:

Gráfico 3 - Frequência de uso das variantes nas capitais do Sudeste brasileiro nos dados do ALiB



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados do gráfico 3, a exemplo das capitais da região Centro-Oeste, mostram que a variante com o ditongo [ej] tende a ser mais usada pelos falantes nas capitais do Sudeste do que a forma monotongada. Para a primeira variante, a percentagem de uso, conforme já indicamos, atingiu 59% das ocorrências, enquanto que a segunda se manteve em 41% dos casos.

Ao compararmos a frequência de uso da forma monotongada para as capitais do Sudeste com as capitais do Centro-Oeste (47,7%), notamos uma queda discreta de 6,7 pontos percentuais. Já em relação à frequência de uso da variante monotongada para as capitais do Sudeste em relação à rodada inicial (42%), percebemos uma queda de apenas 1 ponto percentual, isto é, quase nada. A partir disso, podemos afirmar que, na rodada para as capitais do Centro-Oeste, a variante monotongada foi mais recorrente do que nas demais rodadas.

Posto isso, frisamos que, para as capitais do Sudeste, apenas a variável sexo foi indicada como estatisticamente relevante. Já a variável escolaridade, selecionada na rodada para as capitais do Centro-Oeste, foi descartada pelo programa, juntamente com a variável faixa etária, que, aliás, não se mostrou pertinente em nenhuma de nossas análises.

O melhor nível de seleção para a rodada apenas com as capitais do Sudeste apresentou um *input* de 0.408 e *nível de significância* igual a 0.008. Nos parágrafos seguintes, apresentamos os resultados obtidos, nesta rodada, para a variável sexo.

A) Sexo

Tabela 5 - Atuação do sexo sobre a monotongaço nas capitais do Sudeste do Brasil

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso Relativo
Homens	121/258	46.9	0.561
Mulheres	92 /262	35.1	0.440

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os resultados da tabela 5 indicam que os homens favorecem a variante monotongada (46,9% e 0.561) nas capitais do Sudeste brasileiro. Em contrapartida, as mulheres, a exemplo da rodada inicial, não privilegiam a regra (35,1% e 0.444).

Esses dados mostram que, nas capitais da região Sudeste, informantes do sexo feminino se comportam de modo desfavorável para o uso da forma não padrão no contexto do fenômeno investigado aqui. Reforçando, assim, a tese de que as mulheres tendem a usar menos as formas que se distanciam do padrão normativo.

Por último, averiguamos que os resultados obtidos para a variável sexo na rodada apenas para as capitais do Sudeste se mantiveram muito próximos dos resultados encontrados para esse mesmo grupo de fatores na primeira rodada. Nela, os homens alcançaram 47,2% de frequência e peso relativo de 0.561, enquanto as mulheres atingiram a frequência de 32% e peso relativo igual a 0.447.

Estabelecendo uma breve comparação entre os resultados deste trabalho e os de Farias (2008) e Araújo (2013), para as variáveis escolaridade e sexo, apontadas como estatisticamente relevantes neste e nos referidos trabalhos, constatamos que, tanto em nossa amostra como nas de Farias (2008) e Araújo (2013), os falantes com Ensino Fundamental favorecem, assim como os homens, o processo de monotongação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo revelaram que a monotongação do ditongo [ej] é mais empregada nas capitais da região Centro-Oeste do que nas capitais do Sudeste, embora nas capitais de ambas as regiões sempre prevaleça a manutenção da semivogal [j]. Vimos também que nenhuma das capitais consideradas isoladamente favorece a regra.

De igual modo, verificamos que a frequência de uso para a forma monotongada obtida para todas as análises deste estudo não se manteve muito distante dos resultados obtidos por Farias (2008), na região Norte, e Araújo (2013), para as regiões Norte e Sul do Brasil. Conforme indicamos, ao longo do nosso trabalho, as referidas autoras também observaram a monotongação do ditongo [ej] com base em dados extraídos do QFF do ALiB, o que certamente deve ter contribuído para aproximar os resultados das três pesquisas.

Além disso, constatamos que os fatores extralinguísticos que mais beneficiam a variante monotongada nas capitais das regiões Centro-Oeste e Sudeste, quando juntas, são: escolaridade e sexo. O primeiro revela que os falantes com Ensino Fundamental favorecem a regra, ao contrário dos entrevistados com Ensino Superior completo, enquanto que o segundo mostra que os homens são aliados da regra, diferentemente das mulheres. Os resultados para a escolaridade e o sexo, obtidos, neste trabalho, caminham na mesma direção do que é apontado em outras pesquisas (FARIAS, 2008; ARAÚJO, 2013) acerca do fenômeno de monotongação com dados do ALiB.

Notas

¹ Em termos simples, é denominado de peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária, isto é, com duas variantes linguísticas, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50, e como neutro se for igual a 0.50 (SCHERRE; NARO, 2012; GUY; ZILLES, 2007).

² O uso dos termos para designar essa variável foi feito de acordo com o estudo original. O mesmo é adotado para o trabalho de Araújo (2013).

³ Apresentamos, entre parênteses, e sempre nesta mesma ordem, a porcentagem e o peso relativo.

⁴ Ao leitor mais interessado nas atuais configurações do ALiB, bem como em sua história, recomendamos visitar o site oficial do projeto através do endereço: <https://alib.ufba.br/>. Sobre um detalhamento maior do Projeto ALiB, recomendamos também a leitura dos trabalhos de Nascentes (1958), Mota; Cardoso (2009, 2012), Cardoso (2009).

⁵ Neste trabalho, fazemos uso do termo sexo porque a estratificação dos informantes do ALiB, para o referido fator, se deu atendendo apenas a critérios biológicos.

⁶ É possível ter acesso, gratuitamente, ao GoldVarb X através do endereço: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

⁷ No universo do GoldVarb X, o *input* “para cada regra é uma medida do uso geral do fenômeno” (GUY; ZILLES, 2007, p. 102).

⁸ De acordo com Scherre e Naro (2012), quanto mais próximo de 0,05 ou 0,01, for o *nível de significância* mais confiável é a rodada. Isso significa dizer, grosso modo, que os dados obtidos não foram camuflados pelos percentuais fornecidos.

⁹ No original “[...] en casi cualquier caso de estratificación social estable y cambio en curso que se haya estudiado.”

Referências

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi Ltda. 1920.

AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-116, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13697/9085>>. Acesso em: 15 Ago. 2016.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Ditongação e Monotongação no Falar de Fortaleza. **Graphos João Pessoa** - PB, v.5 n.1, p. 109-122, 2000. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>>. Acesso em: 11 Ago. 2016.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal Ceará, Fortaleza, CE.

_____. A monotongação do ditongo [ej] no projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma abordagem variacionista. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. Único, p. 289-308, 2013. Disponível em: <<http://llp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1219.pdf>>. Acesso em: 09 Ago. 2016.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.** São Paulo, vol. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994. Acesso em: <http://relin.letras.ufmg.br/probravo/pdf_sisvogais/LEDABISOL.pdf>. Acesso em: 12 Ago. 2016.

BITTENCOURT, Diana Liz Reis de. **A 'monotongação' na fala de informantes de Florianópolis do Projeto ALiB.** VI COLÓQUIO INTERNACIONAL 'EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE'. São Paulo, *Anais...*, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_12/PDF/18.pdf>. Acesso em: 12 Ago. 2016.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica.** Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010, p.31-44.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **Dicionário de linguística e gramática.** 8.ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

CARDOSO, Suzana Alice. Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB: Descrição e estágio atual. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n.1, p. 185-198, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>>. Acesso em: 12 Ago. 2016.

_____; MOTA, Jacyra Anadrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo-SP, p. 855-870, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

CARVALHO, S. C. de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife.** 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, RE. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7791/arquivo7508_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 Ago. 2016.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues. de. **Distribuição geo-sociolinguística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará.** 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, PA. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2644>>. Acesso em: 6 Ago. 2016.

_____; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 9, n. 27, p. 188-199, 2003.

GUY, Gregory. R.; ZILLES, Anna. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval da. Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescente na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n.1, p. 108-121, 2013. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/13405/10095>> Acesso em: 15 Ago. 2016.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D. C.: Center of Applied Linguistics, 1966. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~bakovic/variation/Labov-2006.pdf>>. Acesso em: 14 Ago. 2016.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159 Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>>. Acesso em: 28. Nov. 2016

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972], 2008.

_____. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Gredos, 2006.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, PA. Disponível em: <<http://www.ufpa>>. Acesso em: 12 Ago. 2016.

MOTA, Jacyra Andrade. Variação entre e e ei em Sergipe. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA - IL, v. 5, p. 119-127, 1986.

_____.; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: percurso do ALiB. **Signum**. Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4243/4603>>. Acesso em: 09 Ago. 2016.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1958.

PAIVA, Maria Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p. 33-42.

PEREIRA, G. **A monotongação dos ditongos <ej>, <ow> e <aj> no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. 2004. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), UNISUL, Tubarão, SC. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/73807_Gerusa.pdf>. Acesso em: 6 de Ago. 2016.

PINTZUK, Susan. **Programas VARBRUL**. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.

RIBEIRO, Denise Aparecida Sofiati de Barros. **O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná**. 1990. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Curitiba, PR. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24427/D%20RIBEIRO,%20DENISE%20APARECIDA%20SOFIATI%20DE%20BARROS.pdf?sequence=1>>. Acesso em 12 Ago. 2016.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 07 Ago. 2016.

SANTOS, Evando Marcos. dos; SANTANA, José Humberto dos Santos; DIDA, Kamila Silva. **Diferença não é deficiência linguística: monotongação do português.** VI FORUM IDENTIDADES E ALTERIDADES E II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE. *Anais...* Universidade Federal de Sergipe, Itabaina, SEI, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto_VI_Forum_25.pdf>. Acesso em: 13 Ago. 2016.

SANTOS, Viviane Maia. dos. **A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeito.** CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA. *Anais...* Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFil, p. 44-63, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/04.pdf>. Acesso em: 10 Ago. 2016.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens Universidade do Estado da Bahia-BA, v. 04, p. 01-32, 2012. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf>. Acesso em: 05 Ago. 2015.

_____; NARO, Anthony Jullus. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo-SP, Editora Contexto, p. 147-177, 2012.

SILVA, F. de S. O processo de monotongação em João Pessoa. In HORA, Dermeval. da. **Estudos Sociolinguísticos** perfil de uma comunidade. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALPB, p.29 – 44, 2004.

TOLEDO, E. E. **A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre.** 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUCRS, Porto Alegre, RS. 2011.

TRUDGILL, Peter. **The Social Differentiation of English in Norwich.** Cambridge: CUP, 1974.

VEADO, Rosa Maria Assis. Redução de ditongo – uma variável sociolinguística. **Ensaio de Linguística.** Belo Horizonte (MG), ano v, n. 9, p. 209 - 229, 1983. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ctli/article/view/7199/6199>>. Acesso em 15 Ago. 2016.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo-SP. Editora Contexto, 2012, p.51-57.

Para citar este artigo

ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do projeto Atlas linguístico do Brasil. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 265-284, maio-ago. 2017

As autoras

Aluiza Alves de Araújo possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e é professora da Universidade Estadual do Ceará.

Maria Lidiane de Sousa Pereira é doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Brenda Kathellen Melo de Almeida é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Apoio/Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).